

Adelle Waldman

A VIDA AMOROSA  
DE NATHANIEL P.

Tradução  
*Luís Rodrigues dos Santos*

teorema



## UM

Era demasiado tarde para fingir que não a tinha visto. Juliet já estava a cerrar os olhos em reconhecimento. Por um instante pareceu contente por distinguir um rosto familiar numa rua movimentada. Depois percebeu quem era.

– Nate.

– Juliet! *Olá. Como estás?*

Perante o som da voz dele, surgiu um trejeito tenso e fugaz nos olhos e na boca de Juliet. Nate sorriu, constrangido.

– Estás com ótimo aspeto – disse ele. – Como vai o *Journal*?

Juliet fechou os olhos por um instante. – Vai bem, Nate. Eu estou bem, o *Journal* está bem. Está tudo bem.

Ela cruzou os braços e começou a contemplar um ponto logo acima e à esquerda da testa de Nate. O seu cabelo escuro estava solto, e trazia um vestido azul com um cinto e um *blazer* preto cujas mangas estavam arregaçadas até aos cotovelos. O olhar de Nate saltou de Juliet para um grupo de transeuntes e depois de novo para Juliet.

– Vais para o metro? – perguntou, apontando com o queixo para a entrada da estação na esquina.

– *A sério?* – A voz de Julie tornou-se gutural e animada. – A sério, Nate? É só isso que tens para me dizer?

– Credo, Juliet! – Nate deu um pequeno passo atrás. – Só achei que podias estar com pressa.

Na verdade, estava preocupado com as horas. Já estava atrasado para o jantar em casa de Elisa. Levou uma mão ao cabelo – tranquilizava-o sempre um pouco, a abundância densa do seu cabelo.

– Então, Juliet – disse ele. – Não tem de ser assim.

– Ai não? – A postura de Juliet tornou-se rígida. – Como devia ser então, Nate?

– Juliet... – começou ele. – Ela interrompeu-o.

– Podias pelo menos... – Ela abanou a cabeça. – Oh, não interessa. Não vale a pena.

Podia pelo menos o quê? Nate queria saber. Mas imaginou o olhar ofendido e fulminante de Elisa se chegasse tão tarde que todos os convidados dela tivessem de esperar por ele para começar a jantar, ouviu a sua voz ligeiramente nasal a descartar a desculpa dele com um «pois», como se há muito tivesse deixado de se admirar com qualquer nova incorreção que ele cometesse.

– Olha, Juliet, gostei muito de te ver. E estás realmente com bom apetito. Mas tenho mesmo de ir embora.

Juliet lançou a cabeça para trás. Pareceu quase estremecer. Nate percebeu – era óbvio – que ela tinha entendido as palavras dele como uma rejeição. Arrependeu-se de imediato. De repente, viu-a não como uma adversária mas como uma jovem – já não tão jovem assim – vulnerável e infeliz. Quis fazer algo por ela, dizer algo sincero, verdadeiro e bondoso.

– És um idiota – disse ela antes de ele ter essa oportunidade.

Juliet olhou para ele por uma fração de segundo e depois virou costas e começou a caminhar rapidamente em direção ao rio e à marginal de restaurantes e bares. Nate quase a chamou. Queria tentar, pelo menos, suavizar um pouco as coisas. Mas o que diria? E não havia tempo.

As passadas de Juliet, à medida que se afastava, eram longas e determinadas, mas movia-se com rigidez, como uma pessoa decidida a não revelar que os sapatos lhe magoavam os pés. Relutante, Nate começou a caminhar na direção oposta. Na penumbra

crescente, a rua apinhada já não parecia festiva, mas sim sórdida e carnavalesca. Ficou preso atrás de um trio de raparigas com óculos de sol no alto da cabeça e malas a bater-lhes nas ancas. Enquanto as contornava, a que estava mais perto enrolou o cabelo loiro e ondulado à volta do pescoço e falou com as suas companheiras num tom nasal e arrogante. O olhar dela desviou-se na direção de Nate. Ele não sabia se o desdém no rosto dela era real ou imaginado. Sentia que estava a chamar a atenção, como se o insulto de Juliet o tivesse marcado.

Passados alguns quarteirões, os passeios tornaram-se menos movimentados. Começou a avançar mais depressa. E começou a sentir-se irritado consigo mesmo por estar tão abalado. Então Juliet não gostava dele. E depois? Ela também não estava a ser justa.

Podia pelo menos *o quê?* Só tinha saído com ela três ou quatro vezes quando aconteceu. Não era culpa de ninguém. Assim que percebera que o preservativo tinha rompido, tinha-se retirado. Não o fizera a tempo, viria a descobrir mais tarde. Sabia-o porque não era o tipo de gajo que desaparecia depois de dormir com uma mulher – muito menos depois de o preservativo romper. Pelo contrário: Nathaniel Piven era um produto de uma infância pós-feminista dos anos oitenta e de uma educação universitária politicamente correta dos anos noventa. Sabia bem o que era o privilégio masculino. Além disso, possuía uma consciência funcional e, francamente, bastante importuna.

Considere-se, contudo, como tinha sido para *ele*. (Agora a caminhar a um passo rápido, Nate imaginou que se estava a defender perante uma assistência.) A ideia dominante – dizia ele aos seus ouvintes – era que ela, enquanto mulher, era quem mais sofria. E era verdade, claro. Mas também não era canja para ele. Ali estava ele, com trinta anos, com a carreira finalmente a levantar voo – um desfecho que não parecera de todo inevitável, ou sequer particularmente provável, quando estava na casa dos vinte – quando de repente surgia a possibilidade de se tornar

pai, o que obviamente mudaria tudo. No entanto, *não estava nas suas mãos*. Estava nas mãos de uma pessoa que mal conhecia, uma mulher com quem de facto dormira, mas que não era de modo algum sua namorada. Sentia-se como se tivesse acordado num daqueles telefilmes que via em criança às quintas-feiras à tarde, cuja moral era não ter relações com uma rapariga a menos que se estivesse preparado para criar um filho com ela. Isto sempre lhe parecera treta. Qual era a adolescente de classe média com um mínimo de dignidade – prestes a tornar-se estudante universitária, futura jovem profissional próspera, uma pessoa que poderia vir a fazer o que quisesse (gerir uma multinacional, ganhar um prémio Nobel, ser eleita a primeira mulher presidente) – qual era a jovem deste calibre que decidiria ter um bebé e tornar-se assim, na vácuca gíria de anúncio institucional, «um dado estatístico»?

Quando Juliet lhe deu a notícia, Nate percebeu até que ponto as coisas tinham mudado nos anos decorridos desde que chegara àquela conclusão. Uma profissional de trinta e quatro anos já próspera como Juliet talvez encarasse a sua situação de modo diferente de uma adolescente com um futuro cheio de possibilidades. Talvez já não se mostrasse tão otimista quanto ao que o destino lhe reservava (primeira mulher presidente, por exemplo, provavelmente parecer-lhe-ia impossível). Talvez se tivesse tornado pessimista em relação aos homens e às relações amorosas. Talvez visse aquilo como a sua última oportunidade de ser mãe.

O futuro de Nate dependia da decisão de Juliet, e no entanto não só não lhe cabia a ele tomá-la, como nem sequer podia parecer estar a influenciá-la indevidamente. Enquanto falava com Juliet, sentado no sofá às riscas azuis e brancas da sala de estar dela com uma chávena de chá – *chá!* – na mão, a discutir a «situação», parecia que seria rotulado de monstro se insinuasse sequer que a sua preferência era abortar o bebé ou o feto ou lá o que se quisesse chamar-lhe. (Nate era completamente a favor do direito de escolha da mulher e de toda a gíria que vinha com isso.) Ficara

ali sentado e dissera as coisas certas – que a decisão era dela, que apoiaria o que ela quisesse, etc., etc. Mas quem o podia censurar por apenas sentir alívio quando ela disse – no seu tom de «sou uma jornalista esperta que não engole sapos» – que, obviamente, o aborto era a solução natural? Mesmo nessa altura ele não se permitiu demonstrar nenhuma emoção. Falou num tom deliberado e comedido. Disse que ela devia pensar bem no assunto. Quem o podia censurar por tudo isto?

Bom, ela podia. E era óbvio que o fazia.

Nate parou numa esquina no momento em que um táxi passava devagar. O motorista olhou-o para ver se seria um potencial cliente. Nate fez sinal para o carro continuar.

Enquanto atravessava a rua, começou a ter a certeza de que aquilo que Juliet na verdade lhe censurava era o facto de a sua reação, por muito decente que fosse, ter deixado abundantemente claro que não queria ser namorado dela, quanto mais pai de um filho seu. Era tudo tão *pessoal*. Estavam a decidir se queriam dizer sim a uma potencial pessoa, literalmente uma mistura dos seus dois seres, ou erradicar todos os vestígios da sua existência. Claro que nos fazia pensar em quão diferente tudo seria se as circunstâncias fossem outras – sobretudo, imaginou ele, se fôssemos uma mulher e quiséssemos um bebé. Sentado na sala de estar de Juliet, Nate ficara surpreendido por se sentir tão mal, tão triste, tão enjoado pela fraca e dissoluta libidinidade (como na altura lhe pareceu) que o levava àquela posição desconfortável e hipócrita.

Mas será que aquilo fazia dele um idiota? Nunca lhe prometera nada. Conhecera-a numa festa, achara-a atraente, gostara dela o suficiente para querer conhecê-la melhor. Tivera o cuidado de não sugerir mais do que isto. Dissera-lhe que não estava à procura de nada sério, que estava concentrado na sua carreira. Ela dissera que sim, concordara. Contudo, ele estava convencido de que tudo teria sido diferente se lhe pudesse ter dito: Olha, Juliet, é melhor não termos este bebé, mas podemos ter um filho

no futuro... Mas apesar de admirar o porte elegante e pragmático de Juliet, aquele ar vivo e confiante, admirava-o com um fascínio desapaixonado, como um belo exemplo de um certo gênero de mulher, mais do que com calor. Na verdade, achava-a um pouco desinteressante.

Todavia, fizera tudo o que se poderia esperar dele. Embora tivesse menos dinheiro do que ela, pagou o aborto. Foi com ela à clínica e esperou até a operação acabar, sentado num sofá à prova de nódoas, estilo sala de estar de dormitório, com um elenco rotativo de raparigas adolescentes que escreviam freneticamente nos minúsculos teclados dos seus telemóveis. Quando terminou, levou-a a casa num táxi. Passaram um dia agradável e estranhamente caloroso, a ver filmes e a beber vinho. Ele só saiu de casa para aviar a receita dela e fazer algumas compras de mercearia. Quando, por volta das nove, ele finalmente se levantou para ir para casa, ela seguiu-o até à porta.

Olhou-o intensamente. – Hoje foi... bem, não foi tão mau como podia ter sido.

Também ele se sentiu particularmente terno naquele momento. Afastou algum cabelo da face dela com o polegar e deixou-o ficar ali por um momento. – Lamento muito aquilo por que tiveste de passar – disse.

Uns dias mais tarde, telefonou para saber como ela estava.

– Um pouco dorida, mas bem – disse Juliet.

Ele disse que ficava contente por saber. Houve uma longa pausa. Nate sabia que devia tentar fazer conversa e distraí-la. Abriu a boca para falar. Mas teve uma premonição assustadora: esta chamada iria levar a uma sequência interminável de telefonemas, e o dia no apartamento de Juliet a um encontro habitual para ver filmes, tudo tingido de um sentido de obrigação e um quase sinistro simulacro de envolvimento romântico.

– Tenho de ir – disse ele. – Fico contente por te estares a sentir melhor.

– Oh. – Juliet inspirou. – OK... Adeus, então.



Provavelmente devia ter voltado a contactá-la depois daquilo. Ao dobrar a esquina para a rua de Elisa, Nate reconheceu que devia ter telefonado ou enviado um *e-mail* umas semanas mais tarde. Mas na altura não soubera se um telefonema seu teria sido bem recebido. Podia ter sido uma lembrança dolorosa de algo que ela preferia tentar esquecer. Também não sabia o que teria dito. E tinha-se distraído, deixara-se envolver noutras coisas – na vida. Ela podia-lhe ter telefonado.

Fizera mais do que muitos homens teriam feito. Tinha culpa de simplesmente não nutrir aquele tipo de sentimentos por ela? *Podia pelo menos o quê?*

A porta do prédio de Elisa estava travada por uma pedra grande. A luz da entrada formava um arco amarelo cá fora, nos degraus. Nate parou antes de entrar, respirando fundo e passando uma mão pelo cabelo. Lá dentro, as escadas vergaram-se e gemeram sob os seus pés. O patamar de Elisa cheirava a cebola salteada. Passado um momento, a porta abriu-se.

– Natty! – gritou ela, abraçando-o.

Embora ele e Elisa tivessem acabado há mais de um ano, o apartamento dela, no último andar de uma casa em banda no bairro aburguesado de Greenpoint, ainda era para Nate quase tão familiar como o seu.

Antes de ela ir para ali morar, as paredes de tijolo estavam rebocadas e revestidas com um papel de parede floral. As traves grossas e irregulares do soalho estavam escondidas sob uma alcatifa. O senhorio de Elisa, Joe Jr., uma vez mostrou fotos a Nate e Elisa. Passados mais de vinte anos, o velho inquilino polaco partira para viver com a filha em New Jersey. Joe Jr. tinha arrancado a alcatifa e removido o reboco das paredes exteriores. O pai, que comprara a casa nos anos quarenta e entretanto se mudara para a Florida, disse que ele era maluco. Joe Sr. achava que acrescentar uma máquina de lavar louça ou substituir a banheira antiga teria sido um investimento melhor. – Mas eu

disse-lhe que não era assim que se atraía inquilinos de classe alta – explicou Joe Jr. a Nate e Elisa uma tarde, enquanto arranjava uns azulejos no quarto de banho. – Eu disse-lhe que o tipo de gente que paga bem adora banheiras com pés em garra. É uma questão de gosto, disse-lhe eu. – Joe Jr. voltou-se para os encarar, com um frasco de argamassa entre os dedos carnudos. – E tinha ou não razão? – perguntou, jovial, com um grande sorriso a iluminar-lhe o rosto. Nate e Elisa, de mãos dadas, acenaram com a cabeça, constrangidos, sem saber qual seria a resposta correta a serem tão abertamente – e adequadamente – caracterizados como um certo tipo de lorpas.

Nate tinha ajudado Elisa a pintar as duas paredes que não eram de tijolo de um bege que contrastava com o tijolo escuro e o tapete creme debaixo do sofá dela. A mesa da sala de jantar tinham comprado juntos na IKEA, mas as cadeiras e um armário comprido junto à porta eram dos avós dela. (Ou seria dos bisavós?) As suas estantes chegavam quase ao teto.

A familiaridade do apartamento parecia-lhe agora motivo de vergonha. Elisa insistira que ele estivesse presente naquela noite. – Se somos mesmo amigos, porque é que não podes vir cá jantar com mais umas pessoas? – perguntara ela. O que podia ele dizer?

No sofá, Jason, um amigo de Nate e editor de uma revista que, ora para irritação ora para divertimento de Nate, há muito que queria ir para a cama com Elisa, estava regamente refestelado, apoiando a nuca na palma das mãos. Os joelhos de Jason estavam absurdamente afastados, como se estivesse a tentar gravar a maior impressão possível de si mesmo na mobília de Elisa. Ao lado de Jason estava Aurit, outra boa amiga de Nate, que regressara recentemente de uma viagem de investigação na Europa. Aurit estava a falar com uma rapariga chamada Hannah, com quem Nate já estivera aqui e ali – uma escritora magra e de seios arrebitados, com um aspeto agradável, não obstante umas feições bastante angulosas. Era quase universalmente considerada

simpática e inteligente, ou inteligente e simpática. Sentada no sofá de dois lugares estava uma mulher que Elisa conhecia da universidade. Nate não se conseguia lembrar do nome dela e estivera com ela demasiadas vezes para perguntar. Sabia que era advogada. O homem de fato, sem queixo, com o braço pousado no ombro dela era, presumivelmente, o banqueiro com quem estava ansiosa por casar.

– Já estávamos a perguntar quando é que nos ias honrar com a tua companhia – disse Jason assim que Nate entrou.

Nate pousou a sua sacola no chão. – Tive uns problemas pelo caminho.

– A linha G? – perguntou Aurit, compreensiva.

Seguiram-se murmúrios de concordância: a linha G, de entre todas as linhas de metro de Nova Iorque, era especialmente incerta.

Nate ocupou o único lugar disponível, ao lado da amiga de Elisa dos tempos da universidade. – É bom ver-te – disse ele, com todo o calor que conseguiu invocar. – Já vai algum tempo.

Ela olhou-o sem emoção. – Tu e a Elisa ainda andavam.

Nate julgou detetar uma acusação na voz dela, como quem diz: «foi antes de tu espezinhares a autoestima dela e lhe roubares a felicidade.»

Ele obrigou-se a suster o sorriso. – Seja como for, passou demasiado tempo.

Nate apresentou-se ao namorado banqueiro e tentou pô-lo a falar. Se ao menos ele se referisse a ela pelo nome, Nate libertar-se-ia de pelo menos uma ansiedade. Mas o *ex-frat boy*<sup>1</sup> geralmente deixava-a responder por si (avaliação de empresas, Bank of America, ex-Merrill Lynch, transição complicada). O seu meio de comunicação preferido parecia ser não-verbal: um sorriso fixo e acenos benignos e paternais com a cabeça.

<sup>1</sup> De «fraternity», uma associação de estudantes masculina cujos membros são tipicamente turbulentos e imaturos. (*N. do T.*)

Pouco depois – embora não tão pouco, infelizmente – Elisa chamou-os para uma mesa cheia de travessas e taças.

– Está tudo com um aspeto delicioso – disse alguém, enquanto circundavam a mesa, sorrindo beatificamente ao festim e uns aos outros. Elisa regressou do outro lado da sala, trazendo uma manteigueira. Franzindo o sobrolho, estudou a sala uma última vez. Um suspiro de autossatisfação escapou-lhe da boca enquanto ocupava graciosamente o seu lugar, com o tecido amarelo encapelado da sua saia a esvoaçar à descida.

– Podem começar – disse ela, sem fazer qualquer gesto nesse sentido. – O frango vai arrefecer.

Enquanto comia o seu frango à caçador – que por acaso estava bastante bom – Nate estudou o rosto em forma de coração de Elisa: aqueles olhos grandes e límpidos, as maçãs do rosto dramáticas, os lábios bonitos, em arco, e a profusão de dentes brancos. Sempre que Nate a via, a beleza de Elisa impressionava-o de novo, como se no intervalo a memória do seu verdadeiro aspeto tivesse sido distorcida pelas emoções angustiadas que ela provocava desde que eles tinham acabado: na sua cabeça, ela assumia as dimensões de uma criatura abjeta. Que choque quando ela abriu a porta a transbordar de uma boa saúde vibrante, quase agressiva. O poder da beleza dela, concluiu Nate uma vez, vinha da sua capacidade de se reconfigurar constantemente. Quando ele pensava que já a justificara, que a arrumara como um facto morto – *rapariga bonita* – ela virava a cabeça ou mordida o lábio, e como o brinquedo de uma criança que abanamos para repor no estado inicial, a beleza dela mudava de forma, as suas coordenadas alteravam-se: ora emanava dos contornos elegantes da sua testa inclinada e maçã do rosto saliente, ora dos seus lábios de sorriso tímido. – Eliza, a bela – dissera Nate sem pensar quando ela o abraçou à porta. Ela fizera um sorriso rasgado, fechando alegremente os olhos ao atraso dele.

Porém, apenas momentos mais tarde, tinha-se adaptado àquele contexto. Hannah elogiara o apartamento dela. – Odeio-o – respondeu Elisa. – É pequeno e mal desenhado. O equipamento e

os acabamentos são *incrivelmente* reais. – Depois um sorriso rápido: – Mas obrigada.

O familiar tom de lamúria na voz de Elisa recordou a Nate um *cocktail* igualmente familiar de culpa e pena e medo. Também puro enfado – aquela qualidade mimada, de mau feitio, que ela tinha. A sua beleza tornou-se um motivo de irritação, um engodo, ao estilo de Calipso, para o cativar, *de novo*.

Além disso, enquanto espetava o frango com o seu garfo, Nate reparou nos poros do nariz de Elisa e num bocado de acne no cimo da testa dela, perto da raiz dos cabelos, defeitos tão pequenos que seria pouco cavalheiresco notá-los na maioria das mulheres. Mas em Elisa, cujo encanto parecia exigir que ela fosse julgada segundo uma qualquer escala olímpica de beleza perfeita, estas imperfeições pareciam, irracionalmente, falhas de vontade ou juízo da parte dela.

– Em que é que estás a trabalhar agora? – perguntou-lhe ela enquanto uma taça de batatas era passada em redor da mesa pela segunda vez.

Nate limpou a boca com o guardanapo. – Só um ensaio.

Elisa arregalou os olhos e inclinou a cabeça de lado, implorando por mais detalhes.

– É sobre o facto de um dos privilégios de pertencermos a uma elite ser o de podermos subcontratar o ato da exploração – disse ele, olhando para Jason, que estava sentado numa posição diagonal em relação a ele.

A ideia para este ensaio era um pouco vaga, e Nate temia parecer ingénuo, como a pessoa que fora aos vinte e poucos anos, antes de aprender que escrever ambiciosamente, sobre temas importantes ou sérios, era um privilégio que as revistas só concediam a pessoas bem-sucedidas. Mas Nate escrevera um livro recentemente. Recebera um adiantamento significativo por ele, e embora ainda faltassem muitos meses para a publicação, o livro já tinha alguma notoriedade. Se ainda não era bem-sucedido, estava perto.

– Pedimos a outras pessoas para fazerem coisas que somos demasiado sensíveis, moralmente, para fazer nós próprios – disse Nate com mais convicção. – A consciência é o luxo supremo.

– Queres dizer que quase só pessoas de classe baixa é que se alistam no Exército e esse tipo de coisas? – disse Jason, alto o suficiente para que todas as outras conversas parassem. Pegou numa fatia de baguete que estava em cima de uma tábua de cortar. – Não te importas de me passar a manteiga? – pediu a Hannah, antes de se virar de novo para Nate com um ar expectante.

Os caracóis de Jason estavam alisados com um unguento cintilante. Tinha o aspeto de um querubim diabólico.

– Não é bem isso que eu tinha em mente – respondeu Nate. – Quero dizer...

– Acho que tens toda a razão, Nate – interrompeu Aurit, brandindo o garfo dela como um ponteiro. – Eu acho que os americanos em geral estão demasiado afastados de toda a sordidez que salvaguardar a dita vida normal implica.

– Isso é a perspetiva israelita, claro... – começou Jason.

– Isso é ofensivo, Jason – disse Aurit. – Não só é redutor, como racista...

– *É* ofensivo – concordou Nate. – Mas na verdade não são tanto as questões de segurança que me interessam, mas sim a vida quotidiana, as formas como nos protegemos de nos sentirmos cúmplices na exploração económica que acontece a toda a nossa volta. Veja-se a Whole Foods. Metade do que pagamos quando fazemos lá compras é o privilégio de nos sentirmos eticamente puros. – Pousou o copo de vinho na mesa e começou a gesticular com os braços. – Ou pensemos no mexicano a quem o senhorio paga para pôr o lixo à frente do nosso prédio duas vezes por semana. Nós próprios não o exploraríamos, mas de certo modo sabemos que o gajo é um imigrante ilegal que nem o salário mínimo recebe.

– O Joe Jr. trata do lixo sozinho – disse Elisa. – Mas ele é mesmo forreta.

– É a mesma coisa com os tipos que nos entregam as pizzas e fazem as nossas sanduíches – continuou Nate. Sabia que estava a violar uma regra implícita da etiqueta de um jantar entre amigos. A conversa devia ser ornamental, ter o intuito de divertir. Não devíamos estar empenhados no conteúdo do que se dizia, apenas no tom. Mas por enquanto Nate não estava preocupado. – Não os exploramos nós próprios – disse. – Não, nós contratamos alguém, um intermediário, normalmente o dono de um pequeno negócio, para o fazer, para não termos de nos sentir mal. Mas ainda assim aproveitamo-nos da mão de obra barata deles, mesmo enquanto tagarelamos sobre o nosso liberalismo: como o New Deal foi tão bom, as oito horas de trabalho diário, o salário mínimo. A nossa única queixa, em teoria, é não ter ido mais longe.

– Desculpa, Nate. – Aurit ergueu uma garrafa de vinho vazia. – Abrimos outra?

– O Joe contrata mexicanos para as obras de remodelação – disse Elisa numa voz ebriamente pensativa enquanto se dirigia ao armário junto à porta. Em cima deste estavam várias garrafas de vinho cujo gargalo espreitava de sacos de plástico coloridos. Tinham, claro, sido trazidas pelos outros convidados. Nate reconheceu o saco verde-lima da Tangled Vine, a garrafeira do seu bairro. Isto parecia tornar o seu fracasso pior. Tencionara comprar uma garrafa no caminho até ali.

Elisa escolheu um tinto e regressou ao seu lugar. – Alguém pode abri-la? – perguntou antes de se virar para Nate. – Desculpa, Nate. Continua.

Nate tinha perdido o fio do seu raciocínio.

Hannah tirou a garrafa das mãos de Elisa. – Estavas a dizer que nós beneficiamos da exploração mas fingimos que as nossas mãos estão limpas – disse ela para o ajudar enquanto Elisa lhe passava um saca-rolhas de cobre baço que parecia velho o suficiente para ter acompanhado Lewis e Clark na sua viagem para o Oeste. Uma das «heranças» de Elisa, sem dúvida. – Eu acho... – começou Hannah a dizer.

– Muito bem – disse Nate. – *Muito bem.*

Lembrou-se logo do seu raciocínio. – Sabem quando leem um romance do Dickens em que há rapazes de oito anos a trabalhar em fábricas ou a pedir nas ruas? E perguntam a vocês mesmos porque é que ninguém se importava? Bom, nós não somos assim tão diferentes. Só nos tornámos melhores a escondê-lo. Acima de tudo, de nós próprios. Pelo menos naqueles tempos as pessoas justificavam o seu comportamento admitindo o seu desprezo pelos pobres.

Jason dirigiu-se ao banqueiro. – Se é que ainda não reparaste, aqui o jovem Nate sofre de um caso particularmente agudo de culpa liberal.

Jason estava naquela altura a trabalhar num artigo sobre a epidemia da obesidade, com o título: «Eles que não comam bolo».

Antes que Nate pudesse responder, Hannah virou-se para ele. Estava a segurar a garrafa de vinho num braço e a rodar cuidadosamente o caricato saca-rolhas com o outro. – Quando as pessoas pagam voluntariamente mais para fazer compras na Whole Foods, não estão, segundo a tua lógica, a tentar ser responsáveis? – perguntou. – Não estão a pagar mais para *não* tirar partido da mão de obra barata?

– Absolutamente – disse Nate, agradecido. (Ao que parecia, alguém estava realmente a ouvi-lo.) – Mas será que aqueles preços inflacionados beneficiam na realidade alguém que não os acionistas da Whole Foods? A única coisa que têm de fazer é pôr uma fotografia de um casal lésbico com um ar genuíno numa caixa de cereais e nós presumimos logo que vem de um paraíso de trabalhadores onde se pratica o amor livre. É do nosso interesse pensar isso porque nos permite comprar uma consciência tranquila, tal como compramos tudo o resto. – Fez uma pausa antes de concluir. – É basicamente um argumento marxista, sobre a inexorabilidade da exploração sob o capitalismo.

Aurit franziu o sobrolho. – Para quem é esse ensaio, Nate?

– Ainda não sei – disse Nate. – Quero escrevê-lo antes de começar a pensar se vai ou não ajudar a minha carreira.



Aurit examinou-o como um médico estuda uma protuberância que desconfia ser maligna. – Além disso, as pessoas não fazem compras na Whole Foods por a comida ser mais saudável?

A garrafa de vinho emitiu um som aspirante quando Hannah tirou a rolha.

– *Eu* acho que a tua ideia parece interessante – disse Elisa.

Elisa, pensou Nate, estava a ser extremamente, até incareteristicamente, simpática consigo. Talvez estivessem mesmo, como ela dissera, a entrar numa fase melhor?

– Eu também acho interessante – disse a metade masculina do casal, cujo nome, Kevin ou Denon, Nate também já esquecera por esta altura, mas que tinha, Nate reparou, encontrado a sua voz à medida que o vinho começava a fluir mais livremente. – Há muito tempo que não ouço ninguém chamar a uma ideia marxista e dizê-lo num sentido positivo – comentou enquanto Elisa lhe «refrescava» o copo. – Desde a universidade.

Nate também empurrou suavemente o seu copo para o campo de visão de Elisa.

Enquanto ela o servia, pernas de cadeira raspavam no soalho, cubos de gelo estalaram entre molares e talheres tiniram contra pratos. Nate examinou os livros na estante de Elisa. A coleção dela era impressionante, sugeria seriedade e bom gosto. A literatura cor de rosa e as revistas, guardava-as no quarto.

– Então, qual é a diferença entre racionalismo e racismo? – perguntou finalmente a namorada de Kevin/Devon.

– Racionalismo – começou Aurit, entusiasmada –, mais do que aversão ou preconceito em relação a um grupo, é...

– Ei, adivinhem quem é que ouvi dizer que recebeu um adiantamento de publicação de quatrocentos mil dólares pelo livro dela? – interrompeu Jason. Por cortesia a Aurit, ninguém respondeu.

– ... a atribuição de qualidades pessoais ou... – Aurit olhou para Jason com uma expressão severa – *crenças* à ligação de uma pessoa a...

– A Greer Cohen – terminou Jason.

– ... um grupo racial. – As palavras de Aurit ficaram órfãs. Ela fez um esgar quando ouviu o nome de Greer. Até Hannah, que naquela noite havia de facto parecido a Nate não só simpática mas também inteligente, ergueu as sobranceiras.

– Ainda bem para a Greer – disse Elisa, como uma anfitriã perfeita cujas boas maneiras se estendiam mesmo àqueles que não estavam presentes.

– Quem é a Greer Cohen?

– Uma escritora. Mais ou menos – disse Aurit a Kevin/Devon e à sua namorada advogada.

Os amigos de Nate começaram então a apresentar diversas apreciações, na maioria pouco caridosas, do talento de Greer e a especular sobre as pessoas com quem é que ela tinha dormido e com quem não passara do *flirt*.

– Eu acho que ela é uma boa escritora – concedeu Hannah.

– Não é tanta a escrita dela a que eu me oponho – disse Aurit. – É a disponibilidade dela para se aproveitar da sua sexualidade e chamar-lhe feminismo.

Nate recostou-se na cadeira e esticou as pernas debaixo da mesa. Não tinha vontade de participar na conversa. Também ele recebera um adiantamento significativo pelo seu livro (ainda que muito longe dos quatrocentos mil dólares). Podia dar-se ao luxo de ser magnânimo.

O seu copo estava de novo vazio. A garrafa de vinho aberta estava do outro lado de uma grande saladeira de madeira de aspeto primitivo. Rodou para a alcançar, e ao fazê-lo, o seu tronco bloqueou momentaneamente toda a gente exceto ele e Elisa. Ela fitou-o e lançou-lhe um dos seus olhares sensuais, inclinando pudicamente o rosto para baixo e fazendo um pequeno sorriso torto que era especialmente sugestivo, a expressão tímida mas sedutora que uma mulher poderia ostentar ao confessar uma fantasia sexual um pouco extravagante.

O corpo de Nate retesou-se. Ficou assustado e hiperalerta. Sentia-se, imaginou, como uma sentinela que se estivera a divertir à grande até ouvir o estalido de tiros a aproximar-se. Notícias

anteriores de uma melhoria nas condições haviam-se revelado falsas. A situação na frente era na realidade má, muito má.

O vinho fez sons gorgolejantes ao jorrar da garrafa e bater nos contornos de aquário do copo de Nate.

– Cuidado, amigo – disse Jason, rindo-se. Nate ignorou-o. Precisava de fortalecimento para mais tarde, altura em que, tinha agora a certeza, Elisa o iria reter depois de os outros saírem, insistindo que precisavam de «falar». Tentativas irrefletidas de sedução levariam a uma repetição de velhas acusações. A noite acabaria como muitas das noites deles tinham acabado, em lágrimas.

Nate expirou audivelmente. Uma ex-namorada – não Elisa – tinha-lhe dito uma vez que ele era um respirador teatral.

Quando olhou para o armário perto da porta para se assegurar de que havia outra garrafa de vinho de reserva, pareceu-lhe sentir qualquer coisa a roçar-lhe a perna, perto da rótula. Comeceu o erro de se virar para investigar.

Elisa retirou timidamente os dedos.

Nate saltou da cadeira e, como que dominado por um desejo súbito e louco de estudar o seu conteúdo em mais pormenor, dirigiu-se à estante. Borges, Boswell, Bulgakov. Passou um dedo pelas lombadas, na maioria marcadas com autocolantes amarelos com a palavra «usado», da livraria Brown.

Quando se atreveu a levantar a cabeça, com o cuidado de evitar a parte da sala onde Elisa estava, viu a silhueta de Hannah à entrada da cozinha. Usava um *top* azul e uma saia justa. Tinha realmente uma figura bonita, elegante. Levava um monte de pratos nas mãos e tinha-se voltado para trás para responder a algo que alguém dissera. Riu-se, um riso verdadeiro, caloroso e de boca aberta.

Quando esmoreceu, os olhos de Hannah encontraram os seus. Ela sorriu. Era um sorriso amigável, um sorriso são, talvez o último que ele veria naquela noite. Perguntou-se se ela andaria com alguém.

